

Capa de Especiais
Reportagens
Projetos
Conteúdo Patrocinado
Eleições 2018
voltar
Capa de Eleições 2018
Guia do Eleitor
CBN Vitória
Litoral FM
Fale Conosco
Assine
Clube do Assinante
Classificações

Interdição na BR
Negociação na ponte
Cercos da PM na Piedade
Gazeta na Copa
Protestos de 2013
Concurso
Interdição na BR
noticias
Cidades
está lendo
Religiões afro conquistam os jovens capixabas...

Cidades

Crença

Religiões afro conquistam os jovens capixabas

Motivados pela curiosidade, há aqueles que também se convertem ao Islã

Compartilhar:

Publicado em 03/06/2018 às 08h00

Atualizado em 04/06/2018 às 17h27



Raquel Lopes

rflopes@redegazeta.com.br

Há três anos, o estudante Marcos Vinicius Molino Pitanga, de 19 anos, foi chamado pelo seu pai para participar de uma sessão na Fraternidade Tabajara - o santuário de umbanda em Cariacica. O convite foi aceito pela curiosidade e nele veio a descoberta que aquele era o seu lugar.

“No primeiro momento a sensação era de medo, depois de 20 minutos comecei a me sentir bem na casa. Cheguei a frequentar outra religião, mas foi na umbanda que senti Deus e meus primeiros dons mediúnicos. Decidi ficar na casa porque via que fazia muita caridade sem cobrar e julgar o próximo.”

Seja pela curiosidade ou por seguir os passos da família, é cada vez mais comum encontrar jovens frequentando religiões de matriz africana e árabe. Dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em 2010, 471 jovens, de 15 a 24 anos, frequentavam o candomblé e a umbanda no Espírito Santo.

DIVINO



Foto: Fernando Madeira

Os estudantes Anne Caroliny e Marcos Vinicius são fiéis da religião Umbanda

O professor de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Gerson Moraes, explica que os jovens estão mais voltados para a religiosidade do que na geração anterior, o que faz com que, na maioria das vezes, eles não se conectem a uma determinada religião e transitem por diferentes segmentos.

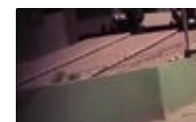
“Eles tendem a não ter uma religião oficial, mas uma religiosidade que permite transitar em todos os segmentos que acharem interessante. Alguns vão experimentar e outros vão se descobrir e criar laços.

A internet e outros diferentes meios de comunicação foram importantes para que pudessem descobrir as diferentes religiões que existem”, explica.



Gazeta Online

Adeptos de religiões



O auxiliar administrativo Fabrício dos Santos Ventura, 24 anos, já passou pela umbanda, mas se encontrou no candomblé há dois anos. Apesar de ambas serem religiões afro-brasileiras, carregam muitas diferenças. No candomblé, os Orixás são considerados deuses ou santos, enquanto na umbanda existe um único Deus e os orixás são considerados como divindades ancestrais que se comunicam através de guias.

“O candomblé me fez entender melhor a vida espiritual, carnal, material. Você compreende tudo que vive e encontra o porquê de coisas que se passaram. A religião trouxe muitas respostas à questionamentos pessoais que eu tinha”, afirmou Fabrício, que frequenta Nzó Musambu Riá Kukuetu, conhecido como Barracão de Mãe Neia, na Serra.



Yuri Fonseca, 27, e Fabrício dos Santos Ventura, 24, encontraram paz no candomblé

No candomblé é comum as pessoas usarem roupas de cor branca na sexta-feira e fios de contas no pescoço. Mas isso já foi motivo para que pessoas se afastassem do auxiliar administrativo na rua. Ele diz que nunca sofreu ataque físico e passou a ignorar ataques verbais.

“A questão é como você se impõe. Eu falo que eu não tenho que me diminuir para caber no mundo. As pessoas é que precisam abrir espaço para eu passar”, comenta.

O jovem é apenas mais um que sofre com a intolerância religiosa. A mídia tem dado visibilidade ao assunto na novela “Malhação”, na Rede Globo. Em abril, a personagem Talíssia (Luellem de Castro) decidiu que seria momento de iniciar a filha Valentina (Maria Alice Guedes) no candomblé, mas teve que enfrentar Jorge (Hugo Germano), tio da garota, que se mostrou preconceituoso com a religião. No

dia, o terreiro de sua mãe Simone (Dani Ornellas) foi destruído pelos capangas de Jorge e a estudante ficou em choque.

TOLERÂNCIA

Apesar de tudo que enfrentam, a pregação de tolerância e de combate ao preconceito também é mais presente nessas novas gerações. A estudante Anne Caroliny Nascimento Amorim, de 16 anos, mora em Cariacica e é filha de pais umbandistas, e foi iniciada na religião desde o seu nascimento. Ela conta que o respeito entre parentes de outra religião existe, no entanto, teve que aprender a lidar com os ataques na rua.

Recentemente, ela estava na praia com o pai e a mãe conversando sobre religião e uma moça ouviu e começou a ofendê-los. “A moça disse que a gente precisava de uma igreja, deveria achar Deus, que a religião não era do bem e que nós mesmos estávamos nos destruindo”, relata.

Anne avalia que muitas pessoas não têm conhecimento e julgam. “Eu acredito que ninguém é obrigado a ter uma religião ou ir na religião do outro, mas respeitar é essencial. Para alguns eu tento explicar, mas outros, passei a ignorar”, desabafa.

ATAQUES

Marcos Vinicius Molino sofreu ataques na escola e na rua. Toda vez que falava da umbanda, objetos que representam outras religiões eram oferecidos a ele. Ele diz que tem paciência e tenta explicar o que

realmente significa, só quando não tem jeito é que passa a ignorar. “Sei que é na umbanda que quero ficar, não me importo com o que dizem. Transformo a ignorância dos outros em amor”, conta.

Para o gestor de projetos Yuri Paris Fonseca, 27, o que importa é a sua visão diante da religião que escolheu, o candomblé. “Acredito que meu caminho está nessa religião. A sensação que eu sinto é de paz”, finaliza.

"O ISLÃ NÃO É SÓ RELIGIÃO, MAS UM MODO DE VIDA"

A universitária Poliana Veiga de Souza, de 23 anos, por curiosidade começou a pesquisar sobre o islã, em 2014. Dois anos depois passou a frequentar as orações na capela ecumênia na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). É nesse local que seguidores do islã, em Vitória, se curvam em direção a Meca – cidade sagrada pelos muçulmanos – e oram em língua árabe.

Aluna de Direito na Ufes, ela conta que foi nessa religião que conseguiu encontrar o conforto espiritual que buscava, decidindo se converter ao islamismo em fevereiro de 2017. “O islã não é apenas uma religião, mas também um modo de vida, algo que me completa. A religião me mostrou o que precisava e me encontrei espiritualmente”, afirma.

MUDANÇA

Com a descoberta, chegaram as transformações no comportamento, que aconteceram naturalmente para a estudante. Ela passou a usar mais vestidos longos e calças, deixou de consumir bebida alcoólica,